

SINGULARIDADE DA PLURALIDADE METODOLÓGICA DE PAULO FREIRE E A COMUNIDADE INDÍGENA TAPIRAPÉ AO ALFABETIZAR

AURINETE VIEIRA LIMA FONSECA ¹
NIVALDO KORIRAI TAPIRAPÉ ²

RESUMO

Este artigo apresenta o encontro entre os professores indígenas Tapirapé e a concepção freiriana de alfabetizar. No decorrer do artigo estão expostos vários momentos em que a didática de Paulo Freire e dos professores Tapirapé se estreitam, unificando valores e concepções pedagógicas. Objetiva demonstrar o quanto Paulo Freire é atual e pertinente quando se trata de educação. Suas reflexões vêm ao longo do tempo perpetuando e reconstruindo realidades no cenário em que aconteceu a pesquisa. As contribuições do mestre de fato transformaram a prática pedagógica. A pesquisa está pautada e possui sustentação teórica nas contribuições de Paulo Freire, Emília Ferreiro, Eunice Dias de Paula, Mario Sérgio Cortella e Moacir Gadotti. O trabalho indica como alfabetizar crianças indígenas na língua Tapirapé com a didática de palavras geradoras e fichas culturais, tornando-se singular pela capacidade plural de inserir o homem de maneira digna na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

Paulo Freire. Alfabetização. Comunidade. Tapirapé.

1. Aurinete Vieira Lima, graduada em Pedagogia pela UNEMAT –Universidade Estadual do Mato Grosso. Psicopedagogia pela FAPAF-Faculdade de Tecnologia Antônio Propício Aguiar Franco, e Gestão Educacional pela UFMT-Universidade Federal do Mato Grosso. Atua como Orientadora do PNAIC-Pacto Nacional pela Alfabetização desde 2013. Professora Formadora-CEFAPRO/Confresa. Contato: aurinetevl@hotmail.com.

2. Nivaldo Korirai Tapirapé, graduado em História pela UNEMAT-Universidade Estadual do Mato Grosso. Especialização em Educação Indígena UNEMAT e Educação Intercultural e Transdisciplinar pela UFG Universidade Federal de Goiás. Contato: nivaldokorirai@hotmail.com

ABSTRACT

This article presents the encounter between teachers and indigenous Tapirapé designing Freire literacy. Throughout the article are exposed many times when the teaching of Paulo Freire and teachers Tapirapé narrow, unifying values and educational concepts. It aims to demonstrate how Paulo Freire is current and relevant when it comes to education. His reflections come over time perpetuating and reconstructing realities in the scenario where the research took place. The contributions of the master actually changed the practice teaching. The research is scheduled and has support in the theoretical contributions of Paulo Freire, Emilia Ferreiro, Eunice Dias de Paula, Mario Sergio Cortella and Moacir Gadotti. The paper indicates how literate indigenous children in the language as a didactic Tapirapé words generators and cultural tokens, making it unique for the ability to insert plural man so worthy in society.

KEYWORDS

Paulo Freire. Literacy. Community. Tapirapé.

INTRODUÇÃO

O trabalho propõe demonstrar o momento histórico que marca o encontro de concepções de alfabetização com ideologias próximas, que se afinam na medida das ideias libertadoras e sólidas de construir conhecimento sem desconsiderar o contexto local dos alfabetizados.

O artigo dá visibilidade à dimensão pedagógica das concepções de Paulo Freire para a comunidade Indígena Tapirapé e como ainda o histórico enriquece o agora, efetivando-se como atual e apropriado, quando a conjuntura é de um processo educativo que prioriza o aluno como ser inacabado e sujeito, emancipador, intelectual.

Apresenta o CEFAPRO, como instrumento canalizador da formação continuada, que promove e possibilita essa interação, assumindo o papel de instituição democrática que articula os saberes entre profissionais da educação a fim de integrar, construir e reconstruir saberes que possam de fato promover o homem como sujeito de transformação social, política e intelectual.

Os objetivos do artigo estão arraigados no campo da reflexão sobre a formação de professores, a fim de reafirmar e valorizar as contribuições de Freire para o povo brasileiro, especificamente agora para a comunidade Indígena Tapirapé.

Busca alimentar a dimensão da importância de Paulo Freire para o campo pedagógico, e como isso é indiferente às comunidades envolvidas. As concepções de Freire ainda são pulverizadas no cenário mundial. Assim sendo, o artigo possibilita a percepção dos momentos de enlace de redes de saberes entre os envolvidos nesse processo de troca e construção de conhecimento.

O mestre se eternizou por centrar sua atuação na educação para a libertação do oprimido, enfatizou a educação como ruptura da alienação, concebendo o homem como ser dialético e inacabável. Remeter-se ao passado freiriano é como voltar ao paraíso, é perceber como nosso processo histórico educacional foi transformador a partir de Paulo Freire, é conhecer e reconhecer-se no meio processual do aprender. É sentir na pele a inquietude do transformar e do inovar. Pesquisador! Revolucionário! Intelectual! Poeta! Filósofo! Homem Comum! Paulo, Educador.

Encorajou a mudança pedagógica pelo mundo, semeou o amor pela missão docente, dizendo que o educador faz-se educador, estimulando a paixão pelo dom e talento de fazer brotar um homem, de facilitar as oportunidades cidadãs, o prazer de crescer junto ao seu aluno. Paulo é uma chama na busca por uma vida igualitária. Explicita-se então a função do professor, a missão de minimizar este distanciamento e tornar possível o sonho da educação emancipatória que tanto nosso mestre disseminou. Buscar o sucesso não é tarefa fácil, é preciso sonhar, a educação está carente de professores sonhadores, ao perder os sonhos, também se perde a alma.

Freire compartilhou o ideal social que atualmente permeia como veia fomentadora da igualdade social, plantou sementes permanentes e multiplicou-as pelo mundo. Foi inovador ao conceber educação como um círculo cultural,

desagregando o Ensino como processo consolidado somente em sala de aula e perpetuado pela figura e posicionamento linear do professor. Inseriu a figura do aluno como principal sujeito no seu próprio processo de escolarização.

Sendo assim, na medida em que insere-se o homem na sociedade de maneira digna e autônoma, concebe-se também uma ruptura da submissão arcaica e histórica do povo brasileiro, quanto a uma elite dominadora que sobrevive da postura ingênua e alienada de uma massa social. Vale promover aqui e retomar o que Paulo Freire perpetuou entre os educadores ao dizer que a educação sobrevive de esperança, ou melhor, de esperançar. Ao levar-nos ao conceito de esperançar Paulo Freire também nos convidou a revisitar nossos posicionamentos muitas vezes secundários e omissos perante a sociedade. Promoveu a autorreflexão da postura e perfil do educador brasileiro, concebendo a mente inquieta como a maior riqueza profissional do professor ao dizer que:

Para me resguardar das artimanhas das ideologias, não posso nem devo me fechar aos outros, nem tampouco, me enclausurar no ciclo da minha verdade. Pelo contrário, o melhor caminho para guardar viva e despertar a minha capacidade de pensar certo, é me deixar exposto às diferenças, e recusar posições dogmáticas em que me admita como proprietário da verdade. (FREIRE, 1996, p. 50)

Postular ideologias, sonhos, oportunidades, posturas, autonomia, prazer e realidade, assim é o processo que concebe o homem de modo justo e igualitário, capaz de recriar-se no meio onde vive e convive, projetando-se de forma indócil diante da submissão e opressão do poder. Tornando assim a escola como principal responsável por essa mudança social, o lócus da formação integral do homem. Próximo a esse sonho está a comunidade indígena Tapirapé, que ao longo dos tempos vem lutando para manter vivo o caráter cultural, político e social do seu povo.

POVO TAPIRAPÉ

A comunidade Apyãwa (Tapirapé) está localizada na Serra do Urubu Branco no nordeste do estado do Mato Grosso. Onde vivenciaram um longo período de tranquilidade. A partir do século XX começaram a sofrer uma significativa perda populacional devido ao contato com os não-índios e ao surgimento de doenças desconhecidas por eles. O povo dessa comunidade fala Tapirapé e a grande maioria fala também o português, língua que é estudada a partir dos 5º ano escolar.

A escola para o povo Apyãwa é pensada de um modo articulado, como afirmação étnica (PAULA, 2014, p. 60), não podendo ser apenas um corpo dentro da aldeia, mas sim uma instituição que integra a cultura do povo Tapirapé. Durante esse processo de iniciação da escolarização do povo Tapirapé houveram pesquisadores

como as irmãs de Jesus, Eunice Dias de Paula e a Dra. Yonne Leite, que contribuíram para que a escola concebida nessa comunidade se voltasse para a cultura deles próprios. Assim sendo, buscaram suportes nas concepções de Paulo Freire para dar sustentação ao perfil escolar que queriam. Então, a partir de 1967, envolveram-se em pesquisar e construir a proposta pedagógica da escola exaltando a cultura do povo Tapirapé. O desafio maior foi elaborar uma proposta ortográfica e a pesquisadora Dra. Yonne Leite contribuiu de forma efetiva neste processo.

Durante esta pesquisa foi constatado que a escola na comunidade Tapirapé está pensada com duradouros princípios freirianos. Percebe-se que as relações se estreitam na medida em que querem manter vivos seus hábitos e costumes, e por acreditarem que a escola assume papel fundamental nesse processo de consolidação cultural. Se a escola está pautada no respeito à cultura do povo Tapirapé, os professores indígenas também estão preocupados em atuar de acordo com os princípios escolares. Entra então, nesse cenário, a formação continuada desses professores indígenas.

FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES INDÍGENAS

O Estado do Mato Grosso apresenta como formação continuada o Projeto Sala do Educador. Nele, o coletivo escolar reflete sobre o que gostaria de estudar durante o ano e elabora um projeto formativo juntamente com o Centro de Formação de Professores -CEFAPRO, criado pela Lei 8.405 em 27 de dezembro de 2005. Esta Lei dispõe sobre a estrutura administrativa e pedagógica dos Centros de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica do Estado de Mato Grosso. Esses Centros têm por finalidade a formação continuada, o uso de novas tecnologias no processo ensino-aprendizagem e a inclusão digital de profissionais da educação básica da rede pública estadual de Ensino. Esses Centros de Formação de Professores (CEFAPRO) são distribuídos no Estado por região, totalizando 15 CEFAPROs. O CEFAPRO de Confresa atende 13 Municípios, envolvendo 29 escolas, entre elas 6 escolas Indígenas.

É no CEFAPRO de Confresa que está inserido o PSE (Projeto Sala do Educador) da comunidade Indígena Tapirapé, que se localiza na proximidade de Confresa, mais especificamente na Escola EIE Tapi'itãwa, com um atendimento de 242 alunos. Os centros são compostos por professores formadores de todas as áreas do conhecimento. Sendo assim, há o formador indígena que é responsável diretamente por intermediar e canalizar, perante a formação de professores indígenas, as questões/desafios indígenas que ainda precisam ser superados. O formador Nivaldo Korirai Tapirapé atua neste papel no CEFAPRO de Confresa de forma eficaz e produtiva.

Foi a partir desse canal que o formador diagnosticou com a comunidade Tapirapé a necessidade de um encontro formativo que desse sentido e consolidasse a alfabetização das crianças indígenas. Segundo Gadotti (2003, p. 38), "se há desorientação, há falta de sentidos" A orientação necessária para o povo Tapirapé neste momento era no campo do aprender, assim sendo não poderia

estar pautada de maneira superficial. O encontro, então, ocorreu em parceria entre os Professores referência Nivaldo Korirai e a professora Formadora de alfabetização Aurinete Vieira Lima da Fonseca.

Ao trilharmos nosso percurso pedagógico nos deparamos com vários desafios. O diagnóstico formativo já de início demonstrou a grandiosidade e responsabilidade nessa atuação formativa, uma vez que estaríamos envolvendo outro povo, cultura, crenças e costumes diferentes ao nosso. Ao mesmo tempo, a riqueza dessa experiência só alimentava a alma de quem acredita na interação social como fator de crescimento profissional e pessoal. A possibilidade de contribuir com quem sofreu e vem sofrendo historicamente injustiças sociais no Brasil também estimulava-nos. Vale salientar aqui que a parceria era profissional (Nivaldo e Aurinete) mas também com cunho étnico/pessoal, uma vez que sendo negra e Nivaldo índio, sonhávamos com uma atuação em comum que de algum modo diminuísse as injustiças cometidas com nosso povo. Somos amadores como bem conceitua Cortella, (2014. p30) ao salientar que o professor amador é aquele que vive em dupla acepção: gente que ama e acha que ainda não está pronta.

Nos inserimos então no levantamento dos dados do encontro, vimos que a língua escrita indígena ainda é recente para os próprios professores, apesar de no Estatuto do Índio (lei nº 6001/1973), no artigo 47, estar declarado que “é assegurado o respeito ao patrimônio cultural das comunidades indígenas, seus valores artísticos e meios de expressão” e no art.49 que “a alfabetização dos índios far-se-á na língua do grupo que pertencem, e em português, salvaguardado o uso da primeira”. A insegurança dos professores foi um ponto levantado pelo formador indígena, uma vez que o povo Tapirapé teve que passar por um longo processo que o levou a acreditar e escolher trabalhar somente com a língua materna até a 5º série do ensino fundamental. Perceberam que, ao seguirem a lei, poderiam confundir o próprio professor que teria que ao mesmo tempo consolidar a alfabetização em Tapirapé e Português, dificultando ainda mais a aprendizagem das crianças.

A falta de material didático em Tapirapé é um dos maiores desafios dessa comunidade, logo também seria da formação de alfabetização que estávamos propondo, já que o ideal seria trabalhar com material contextualizado. Na biblioteca do CEFAPRO o material didático indígena é escasso e muito pouco específico, abordando a comunidade indígena como um todo, e não há materiais específicos do povo Tapirapé. Nosso material didático então foi construído a mão, em tempo real, com a preocupação de que fosse contextualizado culturalmente.

Durante o planejamento do encontro formativo analisamos a forma de alfabetizar dos Tapirapé. O formador indígena apontou para uma necessidade de acrescentar e conhecer uma outra maneira de alfabetizar que pudesse agilizar a alfabetização sem perder o foco cultural. Foi então que o apresentei a Paulo Freire e o encantamento foi imediato.

O povo Tapirapé utiliza dos desenhos para alfabetizar. Denominam os desenhos, caracterizam seus aspectos culturais, contexto e utilização social. Só

que achavam que talvez esse processo fosse pouco longo, e assim, gostariam de conhecer e poder avaliar um percurso eficaz e efetivo que diminuísse o tempo gasto para alfabetizar plenamente os alunos. Remeti-me a Ferreira (2011, p. 10), quando discute o letramento na perspectiva de buscarmos compreender o desenvolvimento da Leitura e Escrita do ponto de vista dos processos de apropriação de um objeto socialmente constituído, do ponto de vista da aquisição de uma técnica de transcrição. É exatamente o que a comunidade indígena faz, usa a escrita como instrumento social a todo momento no processo de alfabetização.

Com esses dados em mãos, projetamos o encontro em torno de uma prática cultural muito utilizada pela comunidade Tapirapé, o Timbó³ (XIGY), uma prática de pesca que envolve toda a comunidade. Na época do timbó todos dirigem-se para a beira do rio, acampam e ficam dias praticando a pesca com o objetivo de garantir uma alimentação suficiente para todos da aldeia. Esse período é organizado de forma sistematizada pela própria comunidade, incluindo crianças e adultos. Sabendo disso, o encontro formativo ocorreu no dia 17 de Junho de 2015, na escola EIE Tapi'itāwa.

Levamos um grande painel com um desenho de um peixe muito comum na nossa região, o⁴ **TUCUNARÉ**, desenho este feito pelo formador indígena Nivaldo Korirai. Nesse painel identificamos cada parte do peixe com setas indicando a escrita em Tapirapé. Usamos as palavras:

- Ea (Olho)
- Itoma (Símbolo do rabo do peixe)
- Iapina (Cabeça)
- Wataxy (Rabo)
- Ixoro (Boca)

Analisamos as inúmeras possibilidades de palavras usadas num único desenho e a necessidade de as explorarmos em outro cenário durante o processo de alfabetização, para que a criança percebesse a possibilidade de usá-las em diferentes contextos.

Alguns professores de maneira muito tímida apontaram a semelhança com a sua prática, pois eles também trabalhavam com desenhos de maneira similar, já que utilizavam imagens contextualizadas. Nesse momento levantamos alguns questionamentos, sobre o professor Paulo Freire, queríamos saber se no processo educacional se baseavam nos princípios freiriano para alfabetizar.

3. "Timbó" é um momento de organização da comunidade em torno da pesca. Utilizam uma planta chamada Timbó para pescar.

4. Referente à figura 1 em Anexo.

Uma grande maioria ainda não havia estudado sobre Paulo Freire, somente um professor disse ter ouvido de modo superficial sobre o mesmo, disse saber que ele foi muito importante para a educação brasileira, mas que não saberia apontar em quais momentos e como foi essa contribuição.

Apresentamos então Paulo Freire à comunidade Tapirapé. Enfatizamos a educação antes e após Paulo Freire, relacionamos seus princípios que dão sustentação teórica e prática ainda hoje ao povo brasileiro. Exaltamos as concepções de ensino do mestre e seu modo de alfabetizar adultos.

Após esse momento, foi possível perceber o entusiasmo dos professores em continuar conhecendo esse pesquisador que alfabetizou tantas pessoas em prazos curtos como havíamos exposto.

Em um telão de Data show expusemos palavras e desenhos Tapirapé onde estavam na conjuntura de palavras geradoras. Ex:

5 TA-KÃ-RA (Casa de cerimonial ou casa de festa)

TA-TE-TI-TY-TO	TATO-Tatu
KÃ-KE-KI-KY-KO	KARA-Inhame
RA-RE-RI-RY-RO	TYRO-Roupa

A primeira usada foi TAKÃARA, quebramos toda a palavra em sílabas e em seguida demonstramos sua família silábica, que é muito próxima do português. Dando continuidade, levantamos hipóteses de outras palavras que poderíamos formar usando somente as famílias silábicas expostas ali. Foram então surgindo outras, e outras... Como TATO (TATU) que foi a junção da 1º(TA) e 5º(TO) sílaba da família silábica do T. Atentamos também para o fato de permitir unir as sílabas de famílias silábicas diferentes, como demonstrado com a palavra KARA (INHAME) unimos a 1º sílaba da família do K com a 1º sílaba da família do R.

6 IPIÃWA (PIAU, TIPO DE PEIXE)

I-A-E-Y-O	AWÃ-Gente/Humano
PA-PE-PI-PY-PO	PE-Estrada
WA-WE-WI-WY-WO	YWÃ-Fruta

Com essa segunda palavra IPYÃWA, enfatizamos o que chamamos de vogais, expusemos a necessidade de também utilizá-las na formação de outras palavras.

5. Referente a figura 2 em Anexo.

6. Referente a figura 3 em Anexo.

Mostramos que elas também podem compor o grupo familiar, isso possibilita outras formações silábicas. Nesse momento houve grandes contribuições dos professores envolvidos. Observaram que na língua Tapirapé, a sílaba PE por si só já forma uma palavra e que desse modo possibilita inúmeras maneiras de abordá-las.

⁷ **AKARAPEXOWA (Tipo de peixe)**

A-E-I-Y-O	XAWEWYRA-Arraia
KA-KE-KI-KY-KO	XEROPY-Papai
RA-RE-RI-RY-RO	AWÃ-Humano
PA-PE-PI-PY-PO	IXORO- Boca
XA-XE-XI-XY-XO	Ea-Olho
WA-WE-WI-WY-WO	

Outra palavra que selecionamos e é pertinente ressaltarmos nessa pesquisa foi **AKARAPEXOWA**, pela estrutura silábica dessa palavra e a dimensão de possibilidades que ela fornece já que é extensa e não repete sílabas. Demonstramos a riqueza da palavra e pedimos que eles próprios, já familiarizados com o método, se dispusessem a formar outras palavras. E assim foram surgindo palavras de forma muito natural entre eles.

No segundo momento apresentamos as fichas culturais, onde estavam imagens de crianças Tapirapé e a palavra ⁸**PITYGA**(criança). Através dessas fichas colocamos toda a representação da criança no contexto indígena, a todo momento fazendo referências a Paulo Freire que utilizou várias fichas culturais para contextualizar, alfabetizar e politizar seus alunos.

A segunda ficha cultural estava montada com imagens de mulheres Tapirapé, todas enfeitadas de acordo com festas culturais indígenas. A palavra ⁹**TARYWA**(festa) estava em destaque para ressaltarmos os costumes do povo Tapirapé. A importância das fichas culturais foi sustentada pelos valores de Paulo Freire em manter viva a cultura de cada povo, assim sendo era impossível o povo Tapirapé não se identificar com a didática das fichas culturais.

Com essas e outras palavras conseguimos atingir os objetivos da compreensão do modo de alfabetizar de Paulo Freire. Nesse momento os professores se dirigiram

7. Referente a figura 4 em Anexo.

8. Referente às fichas culturais utilizada na formação. Figura 5 em Anexo.

9. Referente às fichas culturais utilizadas na formação. Figura 6 em Anexo.

até a frente da sala, carregados de curiosidades sobre a forma apresentada. Foi muito significativo, levantaram vários questionamentos que só facilitavam seus conhecimentos, se assemelhavam e ao mesmo tempo apresentavam ar de surpresa com tamanha possibilidade de uma única palavra gerar outras. Logo entenderam a dimensão da representação de Paulo Freire para o povo brasileiro.

Sentamos em 1º círculo no chão da sala e apresentamos jogos pedagógicos que facilitam a alfabetização, momento esse de descontração e aprendizagem, pois os professores se dispuseram a jogar e vivenciar cada jogo apresentado. Ao término da visita, deixamos os jogos para a escola, assim poderiam reestruturá-los e adequá-los ao seu povo.

Construímos uma cartilha onde estavam todas essas fichas culturais que utilizamos no encontro formativo, onde constavam as palavras geradoras. E todo material exposto em slides, entregamos para cada professor alfabetizador para que pudesse ter em mãos sempre que surgissem quaisquer dúvidas.

Finalizamos o encontro com a preocupação de não termos invadido ou ferido a comunidade Tapirapé, uma vez que lembramos sempre de Miguel Arroyo (2009, p. 22), que afirma que “a educação está tratada como uma terra vadia, sem cercas, facilmente invadida por aventureiros ou por amigos. Mui, amigos! Qualquer um palpita.” A preocupação, então, foi de sensibilizá-los a perceberem que ao se tratar de Paulo Freire, a sustentação cultural estava sempre em primeiro plano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a dimensão pedagógica dos professores TAPIRAPÉ é muito próxima das concepções de Paulo Freire, mas que a didática de ensino ainda era desconhecida. O encontro formativo possibilitou a unificação desses valores, sem diminuir a cultura indígena que está estabelecida como fulcro no dia a dia escolar. Está familiarizada ao meio educativo a concepção do homem como ser interacionista e inacabável, o que é consequência dos laços de concepções entre comunidade indígena e Paulo Freire no momento de estruturação da escola na aldeia, anos atrás, porém falta hoje fortalecer essas concepções em sala de aula. Já que não é de agora que semeiam essas reflexões ao educador, desde anos 60 com nosso grande mestre Paulo Freire quando dizia que o homem é um ser em construção.

Percebe-se que a carência de material pedagógico contextualizado ainda é um obstáculo que impede a otimização do tempo para alfabetizar uma criança. A partir desse encontro acredita-se que muitos alfabetizadores passaram a didatizar o modelo freiriano para alfabetizar sem conceber prejuízo cultural.

É importante enfatizar a visível preocupação do povo Tapirapé em manter viva sua língua materna. A ausência de políticas públicas que consolidam essa

10. Figura 7 exposta no Anexo.

valorização cultural ainda é larga no nosso país. A formação do professor indígena também está longe do ideal uma vez que querem tempo e espaço apropriado que valorizem a categoria sem desrespeitar seus princípios culturais. Suplantar esses desafios políticos da formação continuada implica num conjunto de ações que vão desde a estrutura formativa que está estabelecida no Estado do Mato Grosso no cenário Indígena, passam pelo perfil do professor e sua atuação pedagógica, e culminam com o rompimento com a prática segregadora e arcaica que reproduz a discriminação racial.

Considera-se que o tempo disponibilizado para esse encontro formativo foi curto, embora tenha sido significativo. Acreditamos que seria preciso um retorno, para darmos continuidade, com abordagens metodológicas que contribuíssem ainda mais com o povo Tapirapé. Precisam com urgência de pesquisadores que contribuam com a comunidade através de um olhar de nativo e não de colonizador¹¹. O olhar colonizador permite a consolidação de políticas segregadoras que só dividem a sociedade, categorizando as oportunidades e o acesso àqueles que respondem aos “padrões” elitizados socialmente. Compreendemos que a riqueza brasileira se concretiza por sermos únicos, singulares, e essa singularidade é concebida na medida em que nos percebemos como seres plurais, diferentes, diversos.

11. Abordagem feita pela Prof. Dra. Rinalda Bezerra Carlos em palestra na capital do Mato Grosso Cuiabá. Reforça a necessidade de revermos nossas práticas pedagógicas que muitas vezes reproduzem estereótipos arcaicos no meio educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO. Miguel. **Ofício de Mestre imagens e Auto-imagens**. 11 ed. Editora Vozes: São Paulo, 2009. 251p.

CANDAU. Vera Maria. **Reinventar a escola**. 5 ed. São Paulo: Vozes, 2007. 259 p.

CORTELLA. Mario Sergio. **Pensatas Pedagógicas**. Vozes: Rio de Janeiro, 2014. 138 p.

ESEA. **Programa Reengenharia em Educação Científica**. Modulo IV. Teoria do Vínculo, 2010.

FREIRE. P. **Pedagogia da Autonomia**. 25 ed. Paz e Terra. São Paulo, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 32 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1998, 184 p.

_____.; RIVIERE, Pichon. **O processo Educativo Segundo Paulo Freire e Pichon Rivieire**. 2 ed. São Paulo: Instituto Pichon Riviere de São Paulo, 1989.

_____. **Pedagogia da Esperança**. 16 ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro. 1992, 245p.

GADOTTI. M. **Boniteza de um Sonho**. Ensinar e Aprender com Sentidos. Rio Grande do Sul: Ed. Feevale, 2003, 79 p.

Lei 8.405. Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso.

LIBÂNEO. José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora?** 12 ed. São Paulo, 2010. 102 p.

_____. **Didática**. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013. 287 p.

MATO GROSSO. Secretaria de Educação e Cultura. **Lei 8.405/2005**. Dispõe sobre a estrutura administrativa e pedagógica dos Centros de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica do Estado de Mato Grosso. Cuiabá: Seduc, 2005.

PAULA. Eunice Dias. **A língua dos Apyãwa-TAPIRAPÉ-na perspectiva da etnossintexe**. Campinas: Curtnimuendajú, 2014. 300 p.

ANEXOS



IPIĀWA

I-A-E-Y-O
PA-PE-PI-PY-PO
WA-WE-WI-WY-WO

APYĀWA-
AWĀ-
PE-YWĀ-

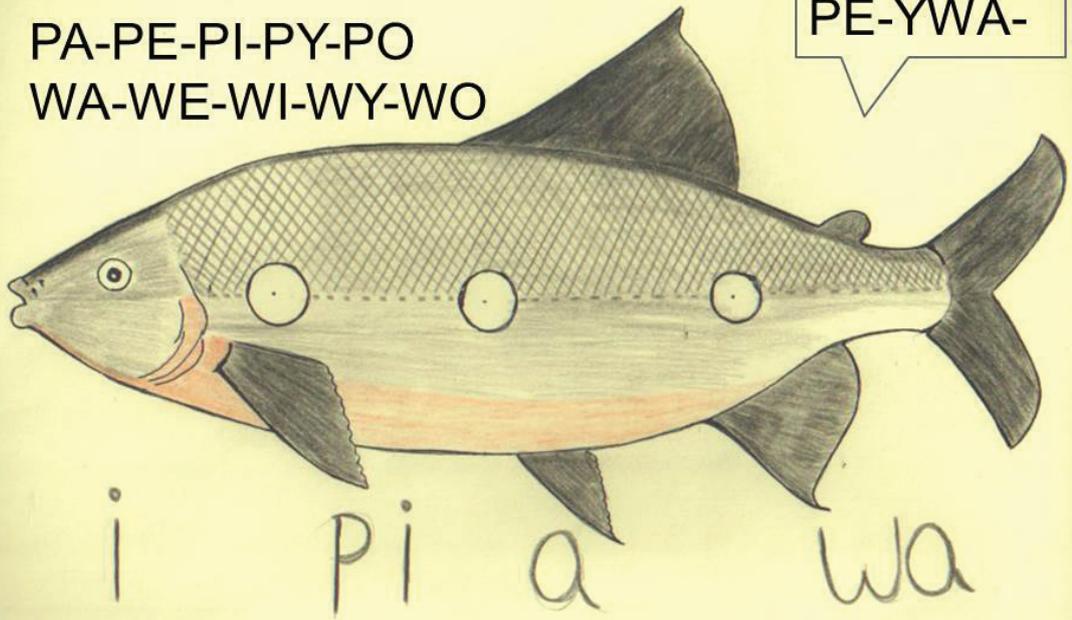


FIGURA- 3

AKARAPEXOWA

A-E-I-Y-O
KA-KE-KI-KY-KO
RA-RE-RI-RY-RO
PA-PE-PI-PY-PO
XA-XE-XI-XY-XO
WA-WE-WI-WY-WO

XAWEWYRA
XAWAXI
XEROPY

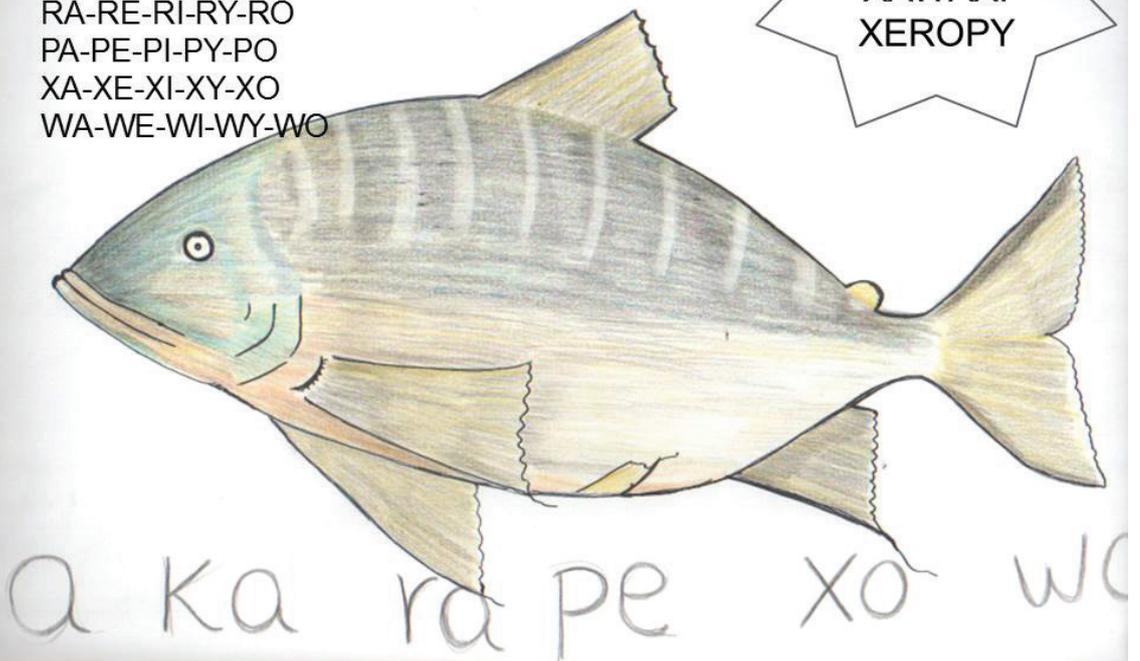


FIGURA- 4



FIGURA-5

PITYGA



FIGURA-6

TARYWA

FIGURA-7

